1.º ANNO 28 DE FEVEREIRO DE 1879 NUMERO 9

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

GUIMARÃES, 28 DE FEVEREIRO

A historia dos povos sob o aspecto catholico

Quando se lança um olhar attento para o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos humanos, e se assiste á formação definitiva das sciencias através das gerações e dos seculos; quando se contempla a esphinge da ignorancia e do erro empallidecer e desapparecer a pouco e pouco diante do sol sempre ascendente de novas verdades descobertas e adquiridas, impossivel é não prestar um nobre feudo de admiração ás gloriosas conquistas obtidas pela intelligencia humana, depois de uma lucta titanica para sahir do circulo de ferro que lhe impunha a rudeza de éras já idas.

Mas quando se lança um olhar ainda mais attento e perscrutador para esse trabalho de emancipação litteraria e scientifica, e para os seus resultados alcançados, impossivel é desconhecer que o *christianismo* está no fundo de todo esse progresso colossal.

A ideia christã tem o direito de revindical-o para si, como fôro e gloria sua.

A verdadeira sciencia é coeva do christianismo: não haja negal-o. Ambos se crearam no mesmo berço.

Os cyclos que precederam a religião do Christo-Deus offerecem-nos esplendidos monumentos litterarios (onde muitas vezes o bello era só formal e não objectivo), tentames scientificos de grande alcance, explorações intellectuaes que honram os obreiros do pensamento, verdades dispersas e transcendentes, mas não passam além.

Não nos legaram um só corpo systematico de sciencia, realisado pelo principio de unidade que a tudo transmittiu a ideia catholica, e informado pela luz preter-sensivel que sobre ella reverberou a doutrina emanada do Filho unigenito de Deus.

O impulso dynamico que soffreram todos os conhecimentos humanos, que nas idades pagãs jaziam estacionarios e indecisos, data da revolução profunda operada na humanidade pelo Verbo da sabedoria eterna.

Foi elle a alavanca potente que imprimiu ao mundo religioso, moral, social, e até litterario um movimento, que nada d'ora em diante poderá sustar, ou paralisar, e para o qual Archimedes em vão pedia um braço de ferro, cuja dimensão fosse proporcional á massa do globo.

Que era a theologia antes do Evangelho, e antes dos pontifices, dos concilios, dos padres e dos doutores da Egreja? Sobeja é quasi a questão. Era uma theogonia absurda, inçada de genealogias chimericas: um embryão informe de mythos archi-ridiculos, de abusões, e crenças degradantes, de que os sacerdotes eram os primeiros a rir-se; liga repugnante de uma infinidade de erros amalgamados com algumas parcellas de verdades naturaes.

Que era a philosophia antes de Clemente de Alexandria, Lactancio, Santo Agostinho, Santo Anselmo, Alberto o Grande, e nomeadamente S. Thomaz? Era uma série interminavel da interrogações sem uma só resposta cabal; mais do que isso, era a perpetua contradicção arvorada em principio, o Proteo da sciencia revestindo mil fórmas inconciliaveis, e o prefacio, ou a primeira phase condigna d'esse positivismo abstruso e germanico, que no seculo XIX tem gerado na philosophia kantesca, separada da ideia christã, as mais espantosas aberrações da razão humada. Thales de Mileto, Pythagoras, Socrates, Platão, foram por certo insignes philosophos, mas não crearam uma philosophia. Respigaram alguns principios luminosos nos dominios da verdade; elevaram-se a uma altura immensa acima da sua sociedade, para se despenharem d'essas regiões sobranceiras nas crendices, e nos preconceitos do vulgo. Entre outros legados scientificos de lavra sua, deixaram-nos a metemprychose, o deus Esculapio, e a republica dos sexos...

Que eram as sciencias physicas antes de Rogerio Bacon, Galileu, Pascal, Kepler, Newton? Estudos inductivos sem concatenação synthetica, collecções de phenomenos apreciados sem critica, attribuidos a suppostas causas (como o horror do vacuo), mero empirismo a que a penna recusa dar o nome de sciencia.

A historia natural de Plinio o Velho póde considerar-se como o inventario completo de todas as conquistas do espirito humano, obtidas até ao seu tempo na esphera dos conhecimentos cosmologicos, mas a belleza deslumbrante dos seus quadros não offusca de todo aos olhos do leitor intelligente a extrema credulidade do seu juizo, na explicação dos phenomenos da natureza.

Que era a historia, mesmo essa em que o cinzel primoroso de um Tito Livio, ou de um Plutarco, immortalisou duas vezes o nome do povo rei? Era por sem duvida um magnifico kaleidoscópo atravez do qual a posteridade admirará sempre os feitos gigantescos da grande nação; era uma soberba galeria dos heroes da antiga Roma, onde a penna inimitavel do seu primeiro historiador soubê communicar ás suas principaes figuras uma belleza, uma magnitude, e uma dignidade esculpturaes.

Mas onde se acha n'essas paginas tão repassadas de patriotismo estreme, ou nos «Homens illustres» de Plutarco, ou nos «Commentarios de Cesar», ou na «Vida dos excellentes» de Cornelio Nepote a verdadeira sciencia da historia? Esse elevado criterio philosophico que ignora parcialidades nacionaes; que subordina os factos aos principios moraes, ou sociaes que os dominam; que inicia para o presente e para o futuro os homens, e as sociedades; que dá ás gerações a solução suprema da sua marcha mysteriosa e providencial?

Detenhamo-nos por um pouco no estudo d'este escholio interessante, e de tão subido momento.

(Continúa)

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O microscopio

A intelligencia do homem não se exerce sómente nos corpos infinitamente grandes, procura tambem penetrar os infinitamente pequenos, esses seres mysteriosos que, na harmonia da creação, supprem pelo numero a sua pequenez. Este novo mundo é-nos revelado pelo microscopio.

Chama-se *microscopio* o instrumento que servo para augmentar consideravel

mente os objectos muito pequenos para serem percebidos á simples vista.

E' mister distinguir o *microscopio simples* do *microscopio composto*, porque estes dois instrumentos, posto que concorram para o mesmo fim, differem muito, tanto pelas suas disposições como pela epocha de sua descoberta.

O *microscopio simples* não é mais que um vidro biconvexo. Chama-se de ordinario *lente*. Collocado muito perto do olho do observador, este unico vidro engrandece o objecto que se considera atravez da sua espessura.

O uso das lentes augmentativas remonta a uma alta antiguidade. Reconheceu-se, com effeito muito cedo o phenomeno de augmento que produzem os corpos translucidos terminados por superficies esphericas.

As ambulas de vidro, os globos cheios d'agua e outras substancias diaphanas estavam em uzo entre os antigos para augmentar a escripta e gravar os camapheus.

No seculo XIV empregaram-se as lentes, ou vidros cortados em fórma espherica, para os trabalhos de certas profissões, taes como a relojoaria, a gravura, etc. Foi com estes vidros que se construiram os primeiros microscopios simples que serviram aos trabalhos dos anatomistas Leuwenhoeck, Swammerdam e Lyonnet.

A lente serve hoje aos naturalistas para observar, com pequeno augmento, differentes partes dos corpos dos animaes ou das plantas. Os mineralogistas, os phisicos, os chimicos empregam-na para reconhecer a fórma dos crystaes muito pequenos para serem discerniveis á simples vista.

Deu-se durante algum tempo o nome de *microscopio de Raspail* ao microscopio simples, isto é, a uma lente submettida a uma haste, munida d'um *porta-objecto*, que podia fixar-se em differentes álturas sobre esta haste por meio d'um parafuso. Não é mais que o microscopio de que se tinham servido, como acabamos de dizel-o, os primeiros observadores, taes como Leuwenhoeck e Swammerdam.

O microscopio simples, quaesquer que sejam o poder de refracção da lente e o seu gráu de curvatura, não póde amplificar os objectos além de cincoenta vezes o diametro d'elles.

O *microscopio composto* é formado pela reunião de duas lentes de diversas dimensões; a menor objectiva e a maior ocular. E' esta, como diz o seu mesmo nome, que se applica ao olho, em quanto a outra é dirigida sobre o objecto.

O primeiro microscopio composto, isto é, formado pela reunião de duas lentes, foi construido, em 1590, pelo hollandez Zacharias Zansz ou Jansen. Outros attribuem-n'o a Cornelio Drebbel (1572), sabio hollandez, ao qual se attribue igualmente a invenção do thermometro.

O microspio que Jansen apresentou, em 1590, a Carlos Alberto, archiduque d'Austria, tinha dous metros de comprimento; era, pois, d'um uzo bastante incommodo. Este instrumento foi depois aperfeiçoado por Galileu e Roberto Hooke. Mas, para obter augmentos consideraveis, era necessario empregar lentes muito fortes, isto é, que refrangessem fortemente a luz. Quando os phisicos quizeram amplificar o diametro dos objectos mais de cento e cincoenta a duzentas vezes, foram detidos por um obstaculo que pareceu invencivel, e que retardou a sciencia durante mais de duzentos annos. Façamos comprehender a natureza d'este obstaculo.

Ao mesmo tempo que a luz se refrange ou se desvia de sua direcção passando d'um a outro meio, do ar, por exemplo, a um bocado de crystal, soffre ainda uma modificação mais profunda; decompõe-se em muitas especies de raios differentemente coloridos. Na luz branca ou ordinaria ha sete côres: roxa, indigo, azul, verde, amarella, alaranjada e vermelha. Todos vêem estas côres quando o arco-iris lança como uma ponte iriada d'uma á outra extremidade do horisonte celeste. Vêem-se ainda sobre nossas mezas, quando a luz colore com mil matizes nossos vazos de crystal atravessando-os. E' emfim esta mesma decomposição da luz que faz parecerem diamantes de todas as côres, as gottas d'agua que o orvalho da manhã suspendeu sobre a herva dos prados.

Por effeito d'esta decomposição da luz effectuando-se atravez do vidro das lentes, quanto mais fortes eram os microscopios, isto é, formados de lentes mais fortes, tanto mais coloridas e confusas eram as imagens produzidas. Newton teve como impossivel remediar este defeito. Segundo elle, as lentes que não produzissem imagens iriadas, ou, como se diz as *lentes achromaticas*, eram impossiveis de obter.

Entretanto, em 1757, um optico de Londres, chamado Dollond, chegou a construir lentes achromaticas. Veio a este resultado justapondo duas lentes, uma biconvexa *(crown-glass)*, a outra concava-convexa *(flint-glass)*. Mas não foi senão em 1824 que estas lentes, applicadas desde muito tempo a outros instrumentos d'optica, foram utilisadas na construcção do microscopio por M. Selligues. D'então por diante o poder amplificador do microscopio foi augmentando rapidamente. Chegou-se a um augmento de mil e duzentas vezes o diametro!

ERNESTO SOARES.

Noticias scientificas

Lêmos em varios periodicos americanos, que William Wallace, residente em Ansonia (Connecticut) acaba de inventar um novo apparelho denominado «Telemachon», com o qual se póde transladar a força motriz a grandes distancias, a centos de milhas.

Com tal descobrimento, fabricas de Nova-York, por exemplo, utilisariam a força motriz de uma das mais celebres minas de carvão de pedra da Pensylvania, empregando só um cabo: assim não haveria gastos de transporte, de combustivel, pois o cabo depois de installado, não daria mais gasto que o da sua conservação, relativamente insignificante. Alguns crêem já que, realisada esta invenção, o Niagara proporcionará á Nova-York força motriz, luz e calorico.

M. Senlency, de Andres, submetteu ao exame de Mm. Moncel e Hallez, um projecto de apparelho que reproduz por telegrapho e a distancia as imagens obtidas na camara obscura. Funda-se este apparelho na propriedade que tem o «selenium» de offerecer resistencia electrica variavel e mui sensivel, segundo os differentes graus de luz. No foco da camara obscura colloca-se um crystal esmerilado, e no receptor uma folha de papel. O «selenium» obra sobre o crystal, e um systema telegraphico autographo qualquer transmitte os movimentos do «selenium» a uma ponta de lapis de chumbo collocada no receptor, a qual vae esboçando no papel as linhas que traçou o «selenium» no crystal, sendo mais ou menos negro o traço, segundo é maior ou menor a pressão.

Os incendios nas chaminés, tão frequentes por desgraça, apagam-se empregando um processo inventado por M. Quequet, de Pariz, facil e rapidamente. Consiste em queimar uns 100 grammas de sulfur de carbone no lar da chaminé, vertendo previamente este sulfur em um ou dois pratos, a fim de que a combustão se produza em uma superficie relativamente extensa. Antes, os bombeiros em Pariz, empregavam enxofre, mas quasi sempre era preciso subir ao telhado para tapar a abertura do tubo da chaminé, e algumas vezes ficava bastante oxigeneo no ar para que continuasse a arder a fuligem. Para evitar o perigo que poderá haver, collocase o liquido por quantidades de 100 grammas em frascos bastante grandes para que resulte espaço vasio; tapam-se com tampas impregnadas de cêra virgem e collocam-se em sitio d'onde não haja fogo nem possa influir o calorico no sulfur.

(«Illustração Catholica», de Madrid).

SECÇÃO LITTERARIA

Paulo Féval

O celebre romancista nasceu em Rennes (França) no dia 28 de novembro de 1817. Filho de um sabio jurisconsulto, que morreu em 1827 sendo magistrado n'aquella cidade, começou a sua carreira n'uma casa de Banco. Pouco durou a occupação, porque surprehendido em intimo trato com uma das novellas de Balzac, onde se satyrizam costumes *não sanctos* dos banqueiros, o patrão sem mais explicações, pôl-o na rua. Sem trabalho e esgotados os recursos com que chegou a Pariz, não tardou muito em encontrar-se frente a frente com a miseria. Um dia, em que as decepções tinham sido maiores do que de ordinario, mais morto que vivo, apenas póde chegar até ao humilde sotão onde morava. Como os visinhos não o viram descer no dia seguinte, suspeitando um suicidio, abriram violentamente a porta de sua habitação e encontraram a Féval com um livro na mão; era a *Imitação de Christo*, unico que conservava. Corre o caso na visinhança, chamam um medico, e o medico declara que o joven Féval morre de inanição. Amigos improvisados satisfazem a necessidade do momento, e como a aventura deu que fallar, em poucos dias arranjou um lugar de revisor n'um periodico de Pariz.

Então começa a vida litteraria do nosso auctor escrevendo novellas na *Revista de Pariz* e no *Correio Francez*; mas o seu primeiro triumpho foram *Os Mysterios de Londres*, escriptos para este ultimo periodico por encargo do seu director, que ia a fazer competencia com Eugenio Sue, que estava publicando os seus *Mysterios de Pariz*, de execravel memoria. O amor da partia revela-se em todas as suas obras; bretão até á medula dos ossos, em sua casa a criada é bretã, seus moveis ostentam os escudos d'armas das principaes casas da Bretanha, não ha novella onde pelo menos não dedique uma recordação áquelle paiz classico da lealdade e da honra.

Paulo Féval nunca se propõe problemas sociaes como é moda em nossos tempos: artista e nada mais, em suas novellas anteriores a 1876, sua preoccupação constante tem sido interessar o leitor com narrações poeticas e aventuras extraordinarias. Os vampiros, phantasmas e duendes que habitavam nas negras selvas, e nos temerosos antros, as sociedades secretas, como a dos companheiros do silencio, por exemplo, tudo emfim, que é mysterioso é do gosto do nosso auctor, sendo tambem mestre consumado em accumular espantos e de excitar os nervos de seus leitores.

Suas principaes obras da primeira epocha, e não as citamos todas, porque seu numero nol-o impede, são *O Jorobado, O filho do Diabo, As cinco, Madama Gil-Blas, As duas mulheres do Rei, As ultimas fadas, A mancha vermelha*. Com respeito a fecundidade, não temem a comparação com os novellistas contemporaneos, e o mais estranho é que o tempo em vez de temperar os ardores do grande escriptor, quasi que as augmenta.

A conversão de Paulo Féval o mostra por um aspecto até então desconhecido: d'ora adiante a França conta mais um novellista, differente do auctor dos *Mysterios de Londres*.

Fallando de conversão não queremos dizer que Paulo Féval militára debaixo das bandeiras do erro, e dos inimigos da Egreja. Luiz Veuillot disse d'elle que era o mais honrado dos novellistas. Esta phrase indicará ao leitor que não se tracta de um impio, mas de um catholico tibio. Do como pensa agora dão mostra estas phrases dirigidas a certo amigo seu: «O trabalho, os livros, a intelligencia... Que vale tudo isto? Nada, se examinamos a nossa vida e percorremos com a imaginação o andado. Em nossa epocha não basta crêr, é preciso sobre tudo *praticar*: a fé é insufficiente sem as obras. Tenho escripto muito em minha vida; terão servido meus escriptos de esteio e consolação a algum animo vacillante? Ah! Religião! A ti acabam por voltar os que te abandonam!»

As suas *Escalas de uma conversão, Pedro Blot, A primeira Communhão, ¡Jesuitas!* teem sido verdadeiras revelações para o mundo litterario. Seria preciso mais lugar do que dispomos para dar a nossos leitores uma ligeira ideia do que é Paulo Féval aos sessenta annos, renascendo como a Phenix de suas cinzas.

Catholico activo, conhece a sociedade em que vive, conhece os impios, os hypocritas, e os amantes da verdade, e pinta-os com todos os recursos da arte. Como novellista de costumes contemporaneos, será no futuro um modelo digno de imitar-se.

Das suas ultimas obras pode dizer-se que dão dinheiro ao editor, e ganham muitos indifferentes ao partido dos que combatem pela verdade.

(«Illustração Catholica Madrilense.»)

A travez do jornalismo

Melhor seria dizer d'um jornal, porque só d'um vamos tractar: mas, como outros muitos afinam pela mesma corda e entoam na mesma escala, o que dizemos d'um entende-se com outros *ejusdem furfuris*; e assim pozemos na epigraphe *A travez do jornalismo*.

Ora pois: queremos fallar d'um novo luzeiro que ha pouco despontou na margem direita do Agueda; publica-se ás quartas e sabbados na villa d'este nome, e chama-se «Soberania do Povo».

Temos á mão o n.º 8 d'esta lamparina do progresso que está bisemanalmente illuminando o *Eminium* dos antigos romanos, e reflectindo sobre o fidelissimo reino de Portugal. Tem a data de 25 de janeiro de 1879.

No principio *bota* artigo sobre as conquistas da eschola liberal e a bandeira desfraldada pelos ventos galernos do progresso.

«Este movimento colossal, diz ella, iniciado sob os auspicios mais lisongeiros e sempre avigorado com a força que lhe dão as unisonas aspirações das classes populares, vae decepando cerce os ramos carcomidos da arvore do passado e desentranhando-se em horisontes mais resplandecentes para o pensamento humano.»

E continua n'este gosto a «Soberania do Povo»...

Na mesma pagina, 4.ª columna, passa a fallar da encyclica de Leão XIII, e, já se vê, falla d'ella como um avançado democrata da eschola chamada progressista, ainda que alguma cousa a medo.

Vamos admirar as bellezas do jornal de Agueda, a que faremos os nossos commentarios, pendurados dos *ramos carcomidos* da arvore do passado.

«O actual Pontifice dirigiu ao mundo catholico, por occasião das festas do Natal, uma encyclica, que, pela sua extensão, não podemos dar aos nossos leitores.»

E' pena! Assim ficam os seus leitores privados de conhecer aquelle documento do Santo Padre. Ora veja lá se a póde dar aos *bocadinhos!*.. Parece-nos que sim; o que lhe falta é a vontade, porque, emfim, a encyclica não póde agradar á democrata «Soberania do Povo.»

«Este trabalho de Leão XIII, não diverge de outros de egual natureza, que se publicaram em tempo de Pio IX, senão no estylo mais elevado e em uma linguagem mais aspera e mais violenta.»

Mas que quer o articulista do Agueda? Não sabe que os documentos do Vaticano nunca divergem na ideia, no pensamento, na doutrina, porque a cadeira romana é a cadeira da verdade, e a verdade é só uma? No emtanto sempre lhe achou uma differença: maior elevação de estylo, mais aspereza e violencia de linguagem.

A questão é de fórma: mas é certo que a linguagem da Santa Sé é sempre serena, pacifica, moderada, ainda que vigorosa e energica. N'isto não diverge Leão de Pio. D'este disseram os revolucionarios que era violento; agora dizem o mesmo d'aquelle. E' sempre a mesma tactica.

«Os principios defendidos pela ultima encyclica são os que Pio IX e os seus antecessores consagraram em todas as obras que publicaram.»

E' isto verdade; mas esses principios foram e serão sempre defendidos pelos Papas até o fim dos tempos, porque são os principios eternos da religião, da moral, do direito, da justiça e da ordem. O Papa só tem um livro por onde se governa: é o Evangelho, que não está sujeito ás vicissitudes do tempo ou aos caprichos dos homens,como os deletereos principios dos revolucionarios.

«Pio IX tinha um dizer meigo e perfumado, como que paternal, em quanto Leão XIII discute com azedume e exhorta com modos mais auctoritarios.»

O Papa não *discute*, ensina porque é o mestre infallivel da verdade, e a verdade é sempre *azeda* aos que a não querem ouvir. Pio IX e os seus antecessores, bem como os seus successores, teem exhortado e exhortarão sempre com modos auctoritarios.

As encyclicas de Pio IX, o *Syllabus*, todas as suas allocuções, em que condemnou as doutrinas da revolução, os erros da sociedade moderna, o chamado direito novo, não são prova do modo auctoritario com que ensinava aquelle grande Pontifice? Não foi por essa razão que os *liberaes* e revolucionarios gritaram em todos os tons contra elle?

«De resto, o ponto de vista é identico em ambos os pontifices. Pio IX condemnava o que elle denominava os erros da sociedade moderna, Leão XIII faz o mesmo.»

Faz o mesmo, e não póde deixar de fazer, porque o que era erro no tempo de Pio IX *ainda o é* no tempo de Leão XIII. A doutrina catholica é invariavel, e a Egreja não approva o que uma vez condemnou como erroneo, como heretico, como impio.

Pio IX condemnou o que chamava *erros da sociedade moderna*, porque realmente o são. E como lhe chama a «Soberania do Povo»?

É clarissimo que a folha democratica de Agueda não adhere aos ensinamentos da Santa Sé; assim se manifesta anti-catholica. Saiba que para se ser catholico, é necessario acceitar todas as instrucções auctoritarias do Papa, approvar o que elle approva, condemnar o que elle condemna, chamar erro ao que elle chama erro.

Aquelle que fizer o contrario, forja um novo Evangelho.

PADRE JOÃO VIEIRA DA CRUZ.

(Continúa).

SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA

II

Historia Universal de Cesar Cantú, vertida da edição franceza de 1867, por Manoel Bernardes Branco

A melhor recommendação d'esta obra monumental está no nome do seu auctor, e, depois d'elle, na propria edição, acuradamente expurgada por Cantú das imperfeições das precedentes. Recommendação nossa seria até descabida senão fosse sempre licito e perfeitamente cabido recommendar até á importunidade os excellentes livros, na epocha em que os pessimos inundam o publico como uma enxurrada litteraria de bugiarias, de destemperos e de pestilencias.

Dizia o conde de Maistre que no seu tempo a historia se tornára «uma conspiração contra a verdade», e os compadres da Encyclopedia, não menos que a malta litteraria de Yvetot davam rasão de sobra ao immortal auctor das *Soirées*. Actualmente a historia na penna de Taine, Littré, Odisse Barot, Albert Reville, Fontanés, etc, sem deixar de ser uma conspiração contra a verdade e maiormente contra a verdade historica christã, tornou-se uma sciencia méramente phisiologica, um novo aspecto de historia natural, uma questão de fatal evolucionismo, tão fatal como a fecundação do germen, e a frutificação da planta, postas as condições metereologicas, e solares. N'este systema a sociedade é equiparada a um organismo que, como qualquer organismo animal, tem as suas «doenças agudas e chronicas,» e entra plenamente nos dominios da biologia pura.

A revolução havia de invadir a historia como invadio tudo, e fazer d'ella, não os annaes da liberdade social com todos os seus esplendores e todas as suas aberrações, não o immenso campo em que os povos se agitam e Deus os conduz, não uma cadeia cujos élos o homem construe e o dedo da Providencia liga, mas o rasto do caminho percorrido por um rebanho de carneiros, sob a vara de habeis zagaes que os tosquiam e de vez em quando os degolam por milhares.

E' o positivismo materialista apoderando-se da humanidade, para impôr-lhe á viva força as suas leis exclusivas e circunscrevel-a dentro do apertado circulo do mais destemperadamente absurdo de todos os syncretismos. Para a historia assim physiologicamente encarada, em abstracto de todo o principio moral e providencial, basta a penna de um naturalista, e para melhorar a sorte de uma tal humanidade, são desnecessarios os legisladores, bastam os medicos, mais adequados que os primeiros para diagnosticarem e tractarem as «doenças agudas e chronicas.»

Se ha, pois, um livro precioso para quem deseja conhecer cabalmente a marcha dos povos atravez dos seculos, e as multiplas manifestações da actividade humana no seu incessante aspirar ao aperfeiçoamento social, é aquelle que, sem systema exclusivo nem ideias preconcebidas, narra os factos com a exação imparcial do historiador sizudo, e o elevado e sensato criticismo do philosopho que sabe relacionar os acontecimentos com as cauzas que os produziram, traduzir o caracter genuino de cada epocha, e subir dos gestos passageiros á synthese dos principios metaphysicos que os explicam.

Tal é a *Historia Universal* de Cesar Cantú. Ninguem antes d'elle se remontára a uma tão vasta concepção historica, nem bosquejára com tão largos contornos o quadro da actividade humana, a ponto de n'elle abranger não só o movimento dos Estados e o desenvolvimento civil das nações, mas o movimento das sciencias, das bellas-artes, da litteratura, da *industria*, do *commercio*, da agricultura, etc., como um album de seis mil paginas que nos reproduzisse *d'aprés nature* todas as idades e feições do homem collectivo, ou qual uma immensa estampa photographica, em que o «sol pintor» que tudo illumina e tudo devassa, assim tambem tudo copia (mais fiel que o pincel humano), os recortes longinquos dos horisontes, a nuvem que se fórma no espaço *sicut virgula fumi*, o lichen quasi imperceptivel que mareja o tronco annoso da arvore, a minima ruga da phisionomia, e a mais pequena prega do vestuario. Cesar Cantú tem verdadeiramente a clava pesada e a amplidão sinchronica do distincto historiador; tem, a demais d'isso, o que para mim está acima de todas as suas outras qualidades, um elevado senso christão, que lhe serve de norte seguro na concepção das evoluções que a humanidade tem atravessado. A sua historia vale cem vezes mais que as parodias grotescas dos *naturalistas da historia dos povos*.

Não receemos desprimores de traducção na edição portugueza que se publica; o nome do sr. Manoel Bernardes Branco é para nós uma fiança tranquillisadora.

III

Saraiva e Castilho

Sinto com todos os portuguezes de lei que Antonio Ribeiro Saraiva viva ha tantos annos fóra de Portugal, na brumosa e fria Albion, que não tem, apezar de tudo quanto tem, nem o «Natal» e o «S. João» da sua Sernancelhe, nem os encantos da Coimbra de 1822, tão rica de deliciosas recordações para s. exc.ª Os monumentos de granito e de crystal da grande Londres, narram as *gigantezas* do genio inglez, mas não tem o condão de pôr de pé aos olhos do illustre proscripto os seus formosos annos d'estudante, como o Mondego, a Fonte das Lagrimas e o Penedo da Saudade. Sinto-o, digo, porque me honro de ser seu amigo, e sinto-o em quanto amante das lettras patrias.

Para um escriptor de cunho o prosar ou poetar fóra da patria é sempre mais ou menos um mal, e um mal complexo quando as suas producções teem,como as sempre tem as de Saraiva, um objectivo essencialmente patriotico ou nacional.

Não queriamos que fosse uma typographia ingleza, incapaz de aprender a lingua de Camões e Ferreira, que lhe publicasse as obras (para lh'as estropiar), nem que estas vissem a luz em terra estranha como planta exotica. Não queriamos que nos chegassem a Portugal como um reflexo amortecido e tepido do pensamento do seu auctor, trajadas á britanica ou á *english fashion*, com o rótulo da exportação no rés do frontispicio. Queriamos Antonio Ribeiro Saraiva no meio de nós, aqui onde só de noite é noite e o inverno mal tem tres mezes, que o outonmno de lá invejaria se lá houvesse outomno; queriamos que pensasse, sentisse, vivesse e convivesse no meio de nós que lhe comprehendemos a linguagem da penna e do coração, e não lá n'essa Inglaterra onde os seus escriptos logo á nascença estão condemnados ao exilio onde só as minhas cartas fallam portuguez.

Era aqui que eu preferira que elle scismasse sobre o papel, escrevesse e publicasse os seus formosos lavores, n'este *meio* com que se creou, no paiz cujo clima por mais de trinta annos respirou, no seio d'esta creadora natureza que lhe inspirou o «Canto na festa de Maio,» e d'este povo que lhe foi musa para cantar com tanta maviosidade e donaire o *Natal da minha terra*.

Os seus livros seriam mais conhecidos do que o são, e como merecem sel-o, se ainda candentes, por assim dizer, da fórma ou do molde intellectual em que foram envasados, entrassem para logo no nosso dominio publico, nos annuncios do nosso jornalismo, nas bibliographias dos nossos editores, na corrente litteraria das nossas publicações contemporaneas, e no numero das nossas leituras do dia, sem que esses livros passassem primeiro atravez do *fog*, do boreas e do gelo inglez.

Se o leitor percebe que a amizade tem alguma ou ainda grande parte n'estas reflexões, á fé que não perceben mal; ha amizades que ennobrecem, e esta é uma d'ellas, mas o amor patrio e a consciencia do merito alheio, sobrelevam aqui ao primeiro sentimento. Visitei por algumas vezes Antonio Saraiva em Londres, na sua rua Nottingham, 21. Encontrava-o sempre só, com os seus milhares de livros, as suas meditações, a sua penna, e o seu gato preto. Dava me que rir a philosophia de tal viver, apenas em geral devassado por aquelle pacifico representante da raça felina, mas logo em seguida se me apertava o coração, não que o illustre portuguez malsinasse a sua sorte, pois o achava pe ordinario tão prazenteiro e alegre como Lucullo ou Cicero nas suas *villas* de Tusculum; mas porque attentando no isolamento d'aquella immensa solidão povoada em que ia desbagoando, ha um quarto de seculo, os dias da vida, n'aquelle quarto soturno, humido, mofôso, cujas paredes mais ou menos enfumadas delimitavam o circulo do seu mundo solitario, e atravez de cujas janellas o sol só emmittia uma réstia de luz indecisa; attentando, digo, n'aquelle estado de expatriação voluntaria e penosa a que as suas convicções politicas o haviam condemnado, roubando-o ao sólo natal, aos amigos, aos conterraneos, aos lugares que quasi lhe completavam a existencia, á posição social que occupava, etc., não podia convencer-me de que não se achasse mais *chez lui* e fosse mais prezado, prestimoso, e feliz entre nós. E sentia que o paiz que absorve constantemente o seu pensamento longinquo de verdadeiro portuguez não possuisse tambem a sua pessoa.

Tudo isto digo eu a proposito da obra em dois tomos ou séries que o snr. Saraiva publicou, não ha muito, intitulada «Saraiva e Castilho» e cujo segundo volume acabamos de lêr com interesse.

O parenthesi, portanto, já não foi pequeno: apresso-me a cingir-me ao méro papel de bibliographo antes que o leitor me recorde o hemistichio de Horario: *ó navis... quid agis?.. fortiter portum occupa.*

(*Continúa*)

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO ARTISTICA

Rapidos traços sobre o caracter da litteratura e da pintura em Hespanha

I

Das raças neo-latinas a mais profunda e accentuadamente catholica é sem duvida a raça hespanhola.

A semente do christianismo lançada no solo feracissimo da peninsula hespanica pelos primeiros evangelisadores cresceu, multiplicou-se e de tal modo se arraigou que alli, como em parte alguma, tem produzido robustas arvores repletas de opimos fructos.

O espirito christão que anima estes povos reflete-se como em nitido espelho já na sua litteratura, já nas suas obras d'arte.

Logo nos primeiros seculos da nossa éra tiveram por chronistas e historiadores membros da classe sacerdotal, como Juliano, bispo de Toledo e Osorio discipulo de Santo Agostinho. Poetas christãos como Juvencio e Prudencio e S. Isidorio de Sevilha como philologo eximio.

Ha porém um facto de tal magnitude na vida d'esta nação, que d'elle principalmente, segundo o meu entender, se deve deduzir o caracter altivo e crenças firmes que a distingue.

Foi nas margens do Chrissus ou Guadalete que se fez pedaços o imperio wisigothico.

O throno de Ruderico cahiu debaixo da cimitarra do exercito sarraceno, que ás ordens de Tarik, lugar-tenente de Musa, e logo depois do proprio Musa, invadiu a Hespanha, apoderando-se de suas principaes cidades.

«A reacção da raça wisigothica contra a conquista arabe, diz A. Herculano, começára na Hespanha poucos annos depois d'essa conquista. Nas asperas serranias das Asturias, um punhado de godos, que não haviam acceitado o jugo dos mussulmanos alevantaram o estandarte de uma guerra de religião e de independencia que devia durar por mais de sete seculos até a final victoria do Evangelho contra o Xoran.

«A batalha de Cangas de Onis, em que os infieis ficaram desbaratados, foi o primeiro anuel de uma cadeia continua de combates que nos fins do XV seculo veio soldar-se na campa dos derradeiros defensores de Granada, quando Fernando e Isabel os catholicos, conquistaram a capital do ultimo reino mourisco da peninsula».

Acossados pelo ferro mussulmano, os christãos wisigothicos, refugiados em Cavadonga, levaram comsigo tradicções, lingua e crenças.

Apertados n'um rincão de terra, que para elles era toda a patria, nobres e plebeus, senhores e vassallos, ligados pelos laços do infortunio, olvidaram antigos odios e distincções, unificando-se n'um só desejo e aspiração.

Era o labaro da redempção que estreitava esse punhado de bravos, que á maneira da aguia deixavam o seu ninho de pedra, no fragoso das montanhas, para hastearem na planicie a sua bandeira em que se liam escriptas com o sangue do heroismo as palavras de *religião* e *patria*.

Por mais de sete seculos n'uma luta titanica e quasi ininterrompida, verdadeira iliada dos povos da Hespanha, vieram ás mãos christãos e sarracenos, até que alfim a cruz do Martyr do Golgotha se ergueu onde antes floreteava a meia lua.

Não foi, porém, embalde esta luta de gigantes, encetada por Pelagio, fundador da primeira monarchia christão na peninsula.

Cada combate era o crysol em que se depuravam as crenças dos godos; cada victoria mais um motivo de altivez e orgulho e mais uma prova de que o Deus dos exercitos era com elles; cada revez, cada derrota, uma nova razão para mais estreitamente se unirem e incenderem-se na mesma fé.

E', pois, essa cruzada de quasi oito seculos, o grande facto que exaltou o espirito patriotico e religioso dos hespanhoes, imprimindo-lhes esse caracter de altivez que os distingue a par e passo que lhes aforvorou e enraizou profundamente as crenças.

Poesia lyrica, poesia dramatica, poesia epica, poemas, canções, romances, dramas; tudo o que ha de mais espontaneo e genuinamente hespanhol, está empregnado d'este espirito nacional.

E', porém, nos romanceiros que melhor se revela a fé e principalmente o enthusiasmo guerreiro dos descendentes de Pelagio. A Hespanha foi a primeira nação que formou collecções de suas canções populares, e entre ellas occupa o primeiro lugar o *Romanceiro* do Cid, personagem que no dizer de Emilio Castellar, é o symbolo da independencia nascente, origem da litteratura patria e personificação do genio hespano. Ruy Dias de Bivar é o heroe legendario, tido pela musa popular como o modelo dos cavalleiros christãos. Prestando o auxilio de sua espada invencivel a Fernando, o Grande, o nome do Campeador ficou vinculado aos mais altos feitos obrados pelos filhos da peninsula para a reconquista e independencia da patria.

As legendarias emprezas d'outro personagem tambem popularissimo na Hespanha, Bernardo del Carpio, o heroe de Roncesvalles, forneceram assumpto a mais de quarenta romances, afóra muitos dramas, novellas e tres poemas epicos.

Simão Gonçalves, o esforçado caudilho que reconquistou Castella aos mouros em meado do seculo X, com as suas acções gloriosas prestou materia para mais de vinte romances, e as aventuras dos sete infantes de Lara serviram de assumpto a mais de trinta.

Esta exuberancia de romances prova o quanto lisonjeava o orgulho nacional a narração das façanhas dos seus heroes, com os quaes parece ter-se encarnado a musa peninsular.

Se é, pois, nos romances que melhor se estereotypa a altivez do caracter hespanhol, é na poesia mystica que procuraremos a mais exacta medida da fé

viva, ardente e apaixonada d'esta nação.

Bem sei que a poesia do amor divino não é essencialmente hespanhola, por quanto, muito antes que existissem S. João da Cruz e St.ª Thereza, já na Italia tinham resoado os dulcissimos versos de S. Francisco de Assiz e Jacopone de Todi.

Quem não reconhece, porém, ao lêr uns e outros o cunho verdadeiramente peninsular que os poetas espirituaes da Hespanha imprimiram ás suas composições mysticas?

O fogo do amor divino que lhes devora a alma, purificando-os das imperfeições terrenas, derrama-se n'uma profusão de imagens, e tão alto os guinda que parecem identificar-se com a propria divindade.

S. João da Cruz no seu sublime cantico «A noite escura da alma», dá-nos uma ideia d'este arroubo mystico em que a alma extasiada como que passa por uma transubstanciação:

(1) En una noche oscura
Con ansias en amores inflamada,
O dichosa ventura!
Salí sen ser notada,
Estando ya mi casa socegada.

A escuras, y segura,
Por la secreta escala (2) disfrazada,
O dichosa ventura!
A escuras y en celada (3)
Estando ya mi casa socegada.

En la noche dichosa
En secreto que nadie (4) me veia,
Ni yo mirava cosa,
Ni otra luz ni guia
Sino la que en el coraçon ardia.

A questa (5) me guiava
Más cierto que la luz de medio dia,
Adonde me esperava
Quien yo bien sabia,
En parte donde nadie parecia.

O noche que guiaste!
O noche amable más que el alborada!
O noche que juntaste
Amado com amada,
Amada en el amado transformada!

En mi pecho florido
Que entero para él solo se guardava
Alli quedó dormido,
Y yo le regalava (6)
Y el ventalle (7) de cedros ayre dava.

El ayre del almena (8)
Cuando ya sus cabellos esparcia,
Con su mano serena
En mi cuello heria (9)
Y todos mi sentidos suspendia.

Quedéme y olvidéme;
El rostro recliné sobre el amado,
Cesó todo y dexéme,
Dexando mi cuidado
Entre las azucenas olvidado.

O snr. dr. Theophilo Braga, nos seus estudos de poesia mystica, fallando de S. João da Cruz, diz que «os seus canticos são verdadeiras eclogas, se lhe tirarmos o titulo; mas eclogas *voluptuosissimas*.

Tem pontos em que excedem em pompa e esplendor de imagens o luxo oriental do cantico dos canticos. A paisagem do quadro é quasi a mesma do epithalamio de Salomão. Os dialogos da *Esposa* fazem lembrar as expressões apaixonadas de Santa Thereza; as fallas do *Esposo* as do seu coadjutor na reforma da ordem carmelitana. Nada ha de profano n'este juizo.

Nada mais natural de que o amor entre Santa Thereza e S. João da Cruz, como o de S. Francisco de Sales e M.me Chantal.»

Ao acabar de transcrever esta passagem do livro do *douto* escriptor (omitto outras por decencia), não sei como me occorreu a lembrança da lesma que, esponjando-se e arrastando-se lentamente, deixa após si um rasto de immunda baba.

(Mas deixemos estes *similes* que não vem ao caso...)

Este sabio doutor myope, dispondo apenas dos olhos da carne para formar os seus juizos, a sua critica não conhece outro prisma.

Imagina amores *voluptuosos* onde o diabo os não sonha.

Se s. exc.ª em vez de rastejar como sempre, pelo contrario se elevasse nas *azas diaphanas do espiritualismo;* se em vez de pleitear a cauza d'um deus materia, crêsse firmemente como S. João da Cruz n'um Deus, fonte unica de toda a verdade e de todo o bem, já não veria nas expressões apaixonadas de Santa Thereza um amor profano, mas o intensissimo affecto d'uma alma pura e casta para com Jesus, alvo de suas mais ardentes aspirações, anhelo e unico enlevo de seu coração virginal.

Se o *eximio* doutor expurgasse o seu espirito do odio entranhado que vota á religião, que tem altares para a virtude e santidade, observaria o que judiciosamente observou Delécluse e o que observa todo o homem sem preconceitos e dotado d'algum senso critico:—Que os poetas embebidos já em sentimentos de amor profano, já animados pelos sentimentos do amor divino, cahem ordinariamente em grandes exagerações, mas de natureza absolutamente contrarias.

Assim os poetas mysticos só innebriados com os doces effluvios d'um amor santissimo, empregam ás vezes uma linguagem, que parece materialisada em excesso, e até expressões que fariam córar se não fossem purificadas pelo fogo divino, pois como diz S. Bernardo, *modus amandi deum est amare sine modo.*

Pelo contrario os poetas inspirados pelo amor profano, affectam ordinariamente uma certa castidade nas locuções, imagens e pinturas, e até se servem das roupagens d'um certo mysticismo religioso como para cohonestar o que ha de sensual nas paixões que descrevem.

Com esta chave de interpretação, *de que mal póde fazer uzo quem não sabe erguer-se acima do tremedal das fraquezas humanas*, facilmente se percebe o sentido allegorico e *puramente* mystico dos canticos de S. João da Cruz, modelados no ardor da paixão e pompa da linguagem pelo sublime e inspirado prototypo de toda a poesia mistyca, o Cantico dos Canticos.

Refere o Evangelista que, tendo apparecido Christo á Magdalena na figura d'um hortelão, lhe dirigira estas palavras: «Mulher, por que choras?» Ao que ella respondeu: «Se tu o tiraste dizme onde o pozeste.»

A quem se refere aquelle *o*?

E' que a Magdalena, para quem Jesus era todo o seu amor, todo o seu espirito, todo o seu coração, não se podia persuadir que houvesse pessoa alguma que pensasse n'outra cousa a não ser o seu Amado.

Tambem S. João da Cruz, ao escrever os seus canticos, piedosissimas expansões d'uma alma ebria de amor divino, jámais lhe passou pela mente que podesse despertar outros sentimentos além d'aquelles de que se achava possuido, e muito menos podia suppôr que, no seculo dos *Illuminados*, um falsario os envenenaria dando uma interpretação adultera aos seus pensamentos castissimos.

Perdoe-me o snr. dr. Theophilo se uzo para com s. exc.ª d'uma linguagem um pouco aspera; mas para mim vale mil vezes mais a honra e probidade de um santo, do que a reputação d'um litterato que se arvora em ladrão de emboscada.

PADRE F. SANCHES.

(Continúa)

(1) Recei tirar a fragrancia e naturalidade a este cantico vertendo-o para vernaculo; para melhor intelligencia, pois, segue-se a interpretação d'algumas palavras cujo sentido é menos obvio.

(2) Por occulta escada.

(3) Palavra tambem portugueza que significa elmo ou capacete; aqui, porém, é tomada no sentido metaphorico e quer dizer —velada.

(4) Ninguem.

(5) E esta.

(6) Acariciava.

(7) Ramo.

(8) Aqui parece tomar-se no sentido de campina, ainda que a sua significação mais propria seja ameia ou setteira.

(9) Em meu collo feria.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

O Liberalismo Desmascarado

A'cerca d'esta obra, que hoje annunciamos no Appendice a este numero, publicou a *Religião e Patria* o seguinte

artigo, que transcrevemos para dar aos nossos assignantes uma pequena ideia do livro:

«D'um nosso amigo e muito illustrado sacerdote, recebemos, para publicar, o seguinte escripto:

O *Liberalismo*, obra ultimamente editada pelo snr. Teixeira de Freitas, benemerito e já mui conhecido editor de bons livros, é uma d'estas raras publicações cujo glorioso destino é rectificarem a opinião publica illudida por uma mentira quasi secular e por extremo seductora em razão de suas variadas fórmas, e dar segura direcção á corrente das ideias extraviadas pelo attractivo do falso.

As meias verdades mais perigosas, quasi sempre, que a mentira aberta e desaforada; as palavras equivocos tão ageitadas á indolencia dos espiritos que se contentam de superficies; todos os erros contemporaneos que se teem conspirado contra a verdade, accommettendo-a a peito descoberto, ou menos audazes e mais insidiosos; procurando escondel-a ou desfigural-a, ainda mesmo quando sejam auctorisados pelo renome d'um Montalembert ou de um Ventura de Raulica, serão julgados em ultima instancia, aqui no tribunal do bom senso e da historia, n'esta obra inspirada pela virtude e pela paixão da verdade e elaborada pela actividade fecunda do talento dedicado ao serviço de Deus e da humanidade.

O primeiro volume d'esta obra, já posto á venda em casa do editor, manifesta exuberantemente que vamos possuir o livro mais triumphante e mais bem acabado que se tem publicado em nossa lingua ácerca do Liberalismo, que nada menos é que a mais enredada, a mais universal e a mais momentosa questão da hora presente.

Este livro não é simplesmente a traducção dos artigos de um sabio publicista francez.—Notas abundantissimas e umas cento e cincoenta paginas de appendice, além d'isso, que dariam para muito mais de trezentas, escriptas em espaços e caracteres iguaes aos da traducção, veem accresentar a este primeiro volume todo o sabor local, ou ainda melhor, todo o interesse nacional, applicando a doutrina geral sobre o Liberalismo, exposta pelo escriptor francez, ao Liberalismo consubstanciado na imprensa, nos parlamentos, nas escholas e nos estadistas do nosso paiz.

D'est'arte o *Liberalismo Desmascarado* vem a ser uma obra de combate leal e cheio de grandeza em que pelejam generosamente dous valentes pela verdade e pela sociedade ameaçada, e da gloria do triumpho—porque a logica intratavel e pertinaz tem o seu dia e a verdade triumpha tarde ou cedo, apesar de todas as resistencias—é-me dado o intimo prazer de poder asseverar aqui que muitissima parte, se não a principal, em quanto ao seu paiz, pertence de direito a um nosso illustre conterraneo, cujo ardor perseverante, n'esta especie de combates, tanto quanto modesto e intelligente, será sempre recordado com maximo louvor por todas as rectidões agradecidas—por todos os espiritos que tem o sentimento do justo, do bom e do verdadeiro.

Esta obra terá pois o merecimento excepcional de ser escripta para todos os paizes mais ou menos dominados e abatidos pela prepotencia do erro liberal, e expressamente para o nosso, cujo liberalismo sustentando e protegido pelos nomes mais festejados do nosso tempo, deverá sem duvida ceder o passo e abrir caminho á verdade.

Eu ponho ponto aqui, snr. redactor, para o não enfadar excessivamente e os leitores cançados com razão do seu trabalho infecundo, invariavelmente applicado á leitura abusiva do jornalismo, esperando o publicação d'estas linhas, continuação dos favores a que me tem habituado a sua complacente e nunca interrompida amisade.

S. DA C. VIEIRA LEITE.»

RETROSPECTO DA QUINZENA

No dia 21 de janeiro reuniam-se os catholicos francezes para, junto dos altares sagrados, erguer a Deus ferventes preces pelo rei martyr, por esse rei infeliz em quem a revolução saciou todo o dio, todo o desejo de vingança que nutria pelos reis, pela auctoridade. É que o povo francez recorda ainda com horror essa tragedia, representada em França em 1789, tragedia que tinha por actores os mais encarniçados inimigos da liberdade, e que só julgaram satisfeitos os seus papeis quando viram rollar milhares de cabeças nas ruas cobertas de sangue innocente.

Poucos dias depois deixava o marechal de Mac-Mahon cahir o poder nas mãos dos republicanos intransigentes, e retirava-se sem fazer uzo d'esse poder que a França lhe havia outorgado.

A França havia estabelecido o septenario como um intermediario entre a revolução e a monarchia christã, a unica forma de governo que fez a França. Não o entendeu assim o marechal, e teve de retirar-se sem que á França tivesse feito serviço algum.

Grevy e Gambeta dominam a nação de Cloviss e Carlos Magno e as vinganças proprias dos *amigos da liberdade*, opprimirão o povo francez até que um novo periodo de paz e felicidade surja do meio d'esse torvelinho que principiou a levantar-se em 89 e que parece continuar a levantar-se mais para desgraça da França.

***

Na camara dos dignos pares do reino, em sessão de 13 de janeiro passado, fizeram-se ouvir, talvez a primeira vez depois que se julgou inutil a Religião Christã, palavras dignas de archivar-se n'esta nossa folha. Quem fosse ha vinte annos dizer em plena camara que para a prosperidade e desenvolvimento das nossas colonias era preciso enviar para alli a cruz levada por missionarios, tido seria por fanatico, jesuita, inimigo da liberdade.

E não devera espantar-se o que tanto ousasse, se, ao sahir da camara, visse formados em linha da batalha os regimentos da capital, para impedir que o *fanatico* accendesse em plena Praça do Commercio as *fogueiras da inquisição* e levantasse a forca em todas as praças, em todas as villas, em todas as cidades. Felismente esse medo que ha quarenta annos se tem tido aos frades, aos missionarios, vae, louvado Deus, desapparecendo.

O snr. Andrade Corvo, actual ministro dos negocios estrangeiros, fallando largamente ácerca da questão da Zambezia, disse, entre outras verdades, as seguintes:—«Foi curta a nossa conquista, foi incompleto o nosso dominio, mas é incontestavel o nosso direito de soberania alli. Ganhamol-o pelo descobrimento, affirmamol-o pela espada, completamol-o pelo commercio, santificamol-o pelas missões, pela religião, pelo templo. Depois retirou-se a espada, atraz da espada a cruz e atraz da cruz o commercio».

Disse a verdade o nobre ministro. Desde que a cruz desappareceu das nossas provincias d'além-mar enfraqueceu o nosso poderio, desappareceu o commercio. E a cruz desappareceu alli porque o frade, o verdadeiro amigo do progresso e da patria, foi lá, como aqui, enchotado pelo azurrague da mais vil ingratidão.

Na camara dos deputados eccoaram tambem palavras em prol dos pobres padres. Foram soltadas pelo deputado o snr. Luiz de Lencastre:

«Assim como entendo (disse o snr. Lencastre), que sem bons governadores não podem progredir as provincias ultramarinas, tambem julgo que sem missionarios que adocem os costumes dos habitantes d'aquellas regiões e façam as catecheses necessarias para polir aquelles naturaes incultos, o ultramar nunca terá trabalhadores uteis, que é aquillo de que muito carece».

Como dissemos, o medo aos frades desappareceu, e tempo é já tambem de que desappareça esse odio votado á sotaina do missionario. Abram-se, por

ordem do governo, de novo as portas do claustro e deixe-se que d'alli erradie a luz da verdade para que, deixando um rasto luminoso no continente, vá no ultramar servir de farol aos pobres naufragos, que se perdem sem piloto que os conduza ao porto salvador.

Sobre o mesmo assumpto fallou na camara dos pares o respeitabilissimo bispo de Bragança, cujo discurso vae em outro lugar da nossa folha.

De bons auspicios para a Egreja em Portugal deve ser a maneira consciencioso como a camara dos dignos pares do reino fez a eleição da commissão dos negocios ecclesiasticos na presente legislatura. De ha muito que para tão importante commissão se não escolhiam as verdadeiras competencias, rasão porque os negocios ecclesiasticos corriam descorados.

A commissão ficou assim composta: Cardeal patriarcha de Lisboa, arcebispo de Braga, bispos de Bragança, do Porto e de Lamego; marquez de Monfalim; conde do Casal Ribeiro; viscondes de Seabra, de Algés; Ornellas e Ferrer.

Constituida assim a commissão dos negocios ecclesiasticos, muito devemos esperar d'ella, pois que todos os seus membros sabem as necessidades da Egreja em Portugal e o quanto urge acudir a todas ellas.

***

Nos primeiros dias do corrente mez estreitaram-se em cordeal abraço os dois monarchas da peninsula hespanica, na cidade d'Elvas. Aos ventos que redopiavam na planicie que separa os dois Estados tremularam as bandeiras das duas nações irmãs e amigas, e como que se confundiram as gloriosas quinas de Portugal com os indomaveis leões de Castella. Não é a primeira vez que as duas bandeiras se desdobram para solemnisar uma mesma festa. E se muitas occasiões tem havido em que as quinas se arvoraram sobre os restos despedaçados dos valentes e altivos leões, nem por isso tem deixado a historia de registrar outras em que no fragor das batalhas demarcavam ambas o mesmo campo. Que o abraço dos dois monarchas seja um signal de duradoura paz, é o que nós desejamos como portuguez; que a entrevista despertasse ao rei fidelissimo o desejo de imitar no seu paiz o desenvolvimento das ordens religiosas que no reino visinho vae permittindo o governo de S. M. catholica, é o que anhelamos como catholicos.

***

Cabe-nos hoje fallar d'uma das mais sympathicas instituições de quantas instituições de caridade florescem n'esta nossa terra. Referimo-nos á Associação das Filhas de Maria, estabelecida ha annos pelo sabio e illustradissimo jesuita o rev. padre Carlos Rademacker, e que de anno para anno vae crescendo, tomando proporções gigantescas, como tudo quanto tem por fim o amor a Deus e ao proximo.

No dia 16 de fevereiro reuniu-se na egreja da Misericordia esta pia associação, a que pertencem as mais distintas damas da primeira sociedade vimaranense, sob a presidencia do exc.mo deão da Sé de Gôa, Antonio dos Reis Coelho.

Por esta occasião foram distribuidas roupas a 43 pobres.

Além d'estas esmolas, o que não fez durante o anno a caridade d'essas verdadeiras filhas de Maria? Quantas familias, na occasião em que se debatiam com o terrivel inimigo—a fome—viram apparecer mysteriosamente a filha de Maria, para deixar-lhe nas mãos mirradas com que acudir ás imperiosas necessidades da vida!

Quantas pessoas, que ha longos annos se revolviam no lodaçal de ellicitas relações, chegaram, graças aos esforços das filhas de Maria, a abraçar-se ante o ministro do Senhor, depois de santificarem a união de suas almas pelo sacramento do matrimonio?

Quantas creancinhas a quem a morte roubára o calor do seio materno e com elle toda a protecção da terra, não acharam n'esses anjos de caridade tudo quanto a morte lhe havia roubado?!

E quantas mulheres, perdida já toda a esperança de salvação, porque de mais se haviam afundado no abysmo d'essas paixões impuras, que degradam e bestealisam a mais perfeita creação de Deus, foram detidas, n'esse louco caminhar para a perdição eterna, pela mão caridosa da filha de Maria e guiadas por ella a porto seguro onde se tornaram mulheres virtuosas!

Que sublime caridade a vossa, filhas de Maria! Não tendes as vozes da imprensa mercenaria a apregoar-vos como *anjos de caridade*, mas tendes a luz da graça a aureolar-vos as sympathicas frontes!

J. DE FREITAS.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Receberam-se n'esta redacção as seguintes publicações, que agradecemos:

REVISTA DE DIREITO ADMINISTRATIVO — Publicação mensal—Redactor e proprietario José Caetano Preto Pacheco—Porto. Recebemos o n.º 13 correspondente a janeiro. V. o annuncio a pag. 11 do Appendice.

BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA—Publicação mensal feita em Louzã, correio de Coimbra. Temos recebido o 1.º e 2.º n.º d'esta magnifica publicação, que crêmos virá preencher uma falta de ha muito sentida entre nós.

O CONFESSOR DA INFANCIA E DA JUVENTUDE, pelo R. P. L. J. M. Cros, da Companhia de Jesus.—Traduzida da 3.ª edição franceza, pelo padre J. J. C. de Sequeira.

Fomos mimoseado pelo editor com as primeiras folhas d'este livro a tantos respeitos importante e de que a imprensa catholico do paiz já se tem occupado. Para que este livro podesse chegar ás mãos de todos, como merece, a tiragem é de 6:000 exemplares e o seu preço 200 réis.

A impressão, papel, tradução, etc., nada deixa a desejar.

Esta edição é feita pela Livraria Catholica Portuense, e nós, desejando concorrer, quanto em nós caiba, para a propagação de um livro de tanto merecimento, desde já recebemos encommendas para elle.

LA ILUSTRACION ESPANOLA Y AMERICANA. Distribuiu-se o n.º 5 d'esta interessante revista, de Madrid. Traz as seguintes gravuras:

Mr. Julio Grevy.—Retratos de D. Joaquim Garcia Icazbalcete e D. José Sebastian Seguro.—Retrato do dr. D. Marcelino Menender Pelayo.—Sorteo de la loteria em la sala de espectaculos del Trocadero.—La eminencia Gris.—Explosion de um cango de 38 toneladas.—Aspecto do cañon depois del sinistro.—Inauguracion del ferro carril directo á Ciudad-Real. — Operacion de arado y ziembra.—Trilla y limpieza de los trigos.—Exploraciones articas.

Vid. o annuncio a pag. 12 do App.

O ECCLESIASTERIUM, jornal litterario luzo-brazileiro. Temos presente o n.º 5 d'esta interessante publicação. Acompanha este n.º o retrato do general de brigada Belchior José Garcez.

São magnificos os seus artigos e por isso se torna apreciavel. Esperamos os n.os anteriores, que desde já agradecemos.

Tambem recebemos o primeiro numero d'um novo periodico politico e noticioso, que, com o nome de «Ecco Popular», principiou a publicar-se n'esta cidade. Lá vae o n.º 9 do «Progresso Catholico» pagar a visita, em quanto nós d'aqui a agradecemos.

IMP. CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS
PORTO.—RUA DE SANTO ILDEFONSO, 8 E 10.